

“Luís Hamilton é brasileiro!!”: enquadramentos da vitória de Lewis Hamilton no GP Brasil 2021 em comentários do Youtube

“Luís Hamilton is Brazilian!!”: framings of Lewis Hamilton’s
victory in the Brazilian GP 2021 in YouTube comments

Luís Mauro Sá Martino¹ / lmsamartino@gmail.com

RESUMO

Em 14 de novembro de 2021, ao vencer o Grande Prêmio do Brasil, o piloto britânico Lewis Hamilton celebrou erguendo uma bandeira brasileira, gesto semelhante ao de Ayrton Senna. O fato foi amplamente coberto pela mídia. Mas como o público interpretou essa ação? Este artigo delinea alguns dos enquadramentos construídos pela audiência em relação ao gesto de Hamilton, tomando como base 987 comentários às notícias publicadas pelo grupo Bandeirantes, responsável pela transmissão, no YouTube. A partir de análise dos comentários, observaram-se três principais enquadramentos referentes à atitude do piloto: (1) pessoal: Hamilton como um “segundo Senna”, tendo vencido por causa dessa inspiração; (2) político: o uso da bandeira foi definido tanto como “esquerdistas” quanto “direitistas”; (3) religioso: Hamilton teria vencido devido ao uso de atributos divinos. Esses pontos são discutidos a partir de alguns dos pressupostos da análise de enquadramento.

Palavras-chave:

comentários na internet; público; análise de enquadramento; Lewis Hamilton; Fórmula 1.

ABSTRACT

On November 14th, 2021, after winning the Brazilian Grand Prix, British F1 pilot Lewis Hamilton took a Brazilian flag and hold it to the podium. The gesture mirrored Ayrton Senna’s, and it was largely covered by the sports news. But how did the media audience react to it? This paper examines the content of 987 comments of three news by Bandeirantes on the YouTube. It has identified at least three frames employed by the audience to make sense of Hamilton’s victory and actions: (1) Personal: Hamilton is a ‘second Senna’, and won because of this inspiration; (2) Political: the gesture with the flag was framed in the political polarization, defined both as a ‘leftist’ and ‘rightist’; (3) Religious: Hamilton won due to his use of God’s gifts to him. These findings are discussed against the background of the framing analysis theory.

Keywords:

internet comments; audience; framing analysis; Lewis Hamilton; Formula 1.

¹ Faculdade Cásper Líbero. Av. Paulista, 900 - São Paulo (SP).

Introdução

Dia 14 de novembro de 2021, um domingo, foi realizado no circuito de Interlagos o Grande Prêmio de São Paulo, tradicional competição de Fórmula 1. A corrida marcou a vitória de número 101 do heptacampeão britânico Lewis Hamilton. Após receber a bandeirada, o piloto recebeu de dois comissários da prova uma bandeira do Brasil, e a manteve erguida enquanto dirigia seu carro para os boxes, repetindo um gesto de Ayrton Senna. Em seguida, ao subir no pódio para receber seu troféu, Hamilton estendeu a bandeira com as duas mãos, também como o tricampeão brasileiro fazia.

Há múltiplas camadas de significado no gesto de Hamilton. Pode-se compreender a atitude como uma homenagem a Ayrton Senna, de quem o inglês é fã declarado. Foi também a primeira vez que a bandeira brasileira é vista no lugar mais alto do pódio desde a última vitória de Felipe Massa no mesmo circuito, em novembro de 2008. Por outro lado, trata-se de um inglês erguendo a bandeira, lembrando a ausência de pilotos brasileiros na categoria nos últimos anos; a bandeira, por sua vez, está no centro de uma acirrada disputa simbólica na polarização política, ao menos desde 2016.

Como interpretar esses diversos significados, em seus vários entrelaçamentos? Diversos elementos tornam essa corrida e o gesto de Hamilton particularmente atípicos e, nesse sentido, merecedores de um olhar mais atento, sobretudo quando se leva em consideração o contexto desses eventos.

Haveria alguma contradição no fato de um piloto inglês levantar a bandeira brasileira? Seria uma espécie de “prêmio de consolação” na ausência de um piloto brasileiro em atividade?

Na situação de polarização política contemporânea, esse gesto significaria apoio a um discurso nacionalista ou, por estar contido no âmbito esportivo, apenas uma celebração da memória de Senna? Mas como compreender a menção a uma figura celebrada a décadas no imaginário brasileiro?

Lewis Hamilton, por seu turno, está longe de se manter alheio a questões políticas: ao contrário, é conhecido por suas manifestações e atitudes a favor da igualdade racial, no movimento Black Lives Matter, e da defesa dos direitos humanos – a título de exemplo, ao correr em países nos quais a homoafetividade é considerada crime, o piloto utilizou as cores da bandeira LGBTQIA+ em seu capacete.

Três outros pontos tornam esse momento particularmente interessante para a realização de um estudo.

A vitória de Hamilton se deu em um contexto

amplamente desfavorável. Devido a duas punições recebidas, o piloto inglês largou na décima posição – mas assumiu a liderança em duas voltas, mantendo-se no primeiro lugar até o final da corrida. Segundo, 2021 foi a temporada mais acirrada desde 2017: após vencer quatro campeonatos consecutivos com relativa facilidade, pela primeira vez Hamilton disputava o título ponto a ponto com um rival, o holandês Max Verstappen.

Finalmente, a temporada se revestiu de um interesse midiático particular: após 40 anos na Rede Globo de Televisão, a Fórmula 1 retornou para a Rede Bandeirantes – que, por sua vez, contratou a parte principal da equipe de apresentadores, comentaristas de correspondentes. Os índices de audiência se mantiveram bons ao longo do ano, para o padrão da emissora, e atingiram um pico na corrida de Interlagos. Ao que tudo indica, o público apreciador de Fórmula 1 seguiu a transmissão, deixando de lado a antiga emissora.

Qual foi, a reação desse público à vitória e ao gesto de Hamilton em uma situação que se apresenta, como indicado, relativamente atípica? Como a atitude de Hamilton foi enquadrada pelo público, e quais foram as manifestações a respeito? Quais foram os entendimentos em relação a essa atitude? Essas inquietações estão na origem desta pesquisa, um estudo sobre os enquadramentos construídos pela audiência em relação ao gesto de Hamilton, tomando como base 987 comentários às notícias publicadas pelo grupo Bandeirantes, responsável pela transmissão, no YouTube.

A perspectiva inicial desta pesquisa era analisar os comentários da transmissão da corrida no canal do grupo Bandeirantes no YouTube. No entanto, esse conteúdo não estava disponível em razão de restrições do direito de transmissão. Procurou-se, então, as notícias sobre o fato divulgadas nos canais da Bandeirantes na plataforma.

Dessa maneira, chegou-se a três vídeos: uma entrevista exclusiva de Lewis Hamilton logo após a corrida, dia 14 de novembro, intitulada “‘Eu deixei o melhor para o Brasil’, comenta Lewis Hamilton” (Bandsports, <https://www.youtube.com/watch?v=5IHt5USjh64>), e dois vídeos publicados no dia seguinte, um do Band Jornalismo, “Lewis Hamilton tem vitória histórica na F1” (<https://www.youtube.com/watch?v=ya1eKi-eNUg>) e outro na Rádio Bandeirantes, “Sérgio Maurício: ‘Foi a melhor corrida de Hamilton das 101 vitórias’” (<https://www.youtube.com/watch?v=HSQi-H4c9Q8>).

Os três vídeos ressaltam o gesto de Hamilton e sublinham as semelhanças com Ayrton Senna. Na entrevista, em particular, o piloto inglês destaca que, durante

a corrida, lembrou do gesto do brasileiro e planejou, caso ganhasse, repeti-lo. As duas outras notícias destacam esse ponto, acrescentando informações de contexto.

O foco, no entanto, não era o enquadramento noticioso, mas os quadros de sentido utilizados pelo público. O ponto, então, foi observar os comentários postados em cada vídeo – somados, totalizavam 987. A partir dessas indicações metodológicas manteve-se certa flexibilidade no trato com o material empírico levando-se em consideração suas particularidades.

Foram feitas três leituras do material, com vistas à identificação dos enquadramentos a partir do conteúdo postado.

A primeira, exploratória, permitiu um mapeamento do conjunto, indicando focos temáticos definidos. Trabalhando livremente a partir das indicações citadas de Bardin (2008) e Franco (2012), nesse primeiro momento observou-se a incidência de determinadas palavras, expressões ou construções textuais que apontassem para o direcionamento da compreensão. Entende-se, neste tipo de análise, que toda escolha é significativa, na elaboração de uma mensagem, e também representativa de algo mais amplo, o repertório específico de sua autoria – e, dentro deles, as referências que serão preferencialmente acionadas em relação a um determinado assunto. Observou-se, nessa primeira leitura, a ocorrência de um enquadramento majoritário numericamente (847), mas de caráter congratulatório ou crítico em relação à corrida e sua transmissão, sem maior menção ao seu gesto. Foram, por isso, deixados de lado na medida em que o objetivo, aqui, se dirige exclusivamente aos enquadramentos da atitude do piloto após a corrida.

Na segunda, a partir da recorrência das palavras, expressões e significados identificados, as postagens mais representativas, em termos de tamanho ou abordagem, de cada foco foram examinadas em maior detalhe, e divididas em temas mais definidos. Isso permitiu localizar três grupos temáticos: a aproximação com Ayrton Senna (106 comentários), as referências políticas (17 comentários) e as menções religiosas (17 comentários). Cada um conjunto representava uma maneira de compreender a situação, atribuindo significações semelhantes – próximo, aqui, da ideia de enquadramento, operador conceitual do trabalho. Esses números, a princípio, poderiam fragilizar a análise, sobretudo no caso político e religioso, que atingem 1.72% do total. No entanto, sua presença se destaca na medida em que se trata de enquadramentos alheios ao assunto principal – e, mais ainda, porque alguém se deu ao trabalho de tornar público o comentário.

A partir disso, a terceira leitura procurou destacar expressões-chave definidoras de cada quadro de

sentido, mostrando a maneira como significados são delineados e direcionados, indicando uma interpretação preferencial por parte dos usuários, bem como a inferência – quando possível – de suas ressonâncias. Escolheu-se também, nesse momento, os comentários a serem reproduzidos ao longo deste artigo.

No que se segue, os comentários são reproduzidos tal como aparecem nas notícias. Foram eliminadas indicações de autoria. Como a plataforma YouTube não disponibiliza a data e hora da postagem, utilizou-se a aproximação com o mês e ano, assim como a notícia de origem.

Os estudos de enquadramento: delineamentos iniciais

Os estudos de enquadramento vem sendo objeto de diversas pesquisas em Comunicação, tendo gerado, inclusive, vários recenseamentos e estados da arte (POSOBON; SCHAEFER, 2014; GOMES, 2017). O objetivo aqui não é fazer um estudo teórico do conceito de enquadramento, mas apontar algumas de suas características na medida em que elas serão operacionalizadas na análise que se seguirá nos próximos itens. Há quase duas décadas, uma contínua produção de trabalhos mostram não apenas as origens teóricas e epistemológicas da ideia, como também suas possibilidades de operacionalização metodológica para a análise de situações comunicacionais.

Enquanto Porto (2004), por exemplo, concentra sua análise no estudo de enquadramentos políticos, Rothberg (2007), Carvalho (2009) e Antunes (2009) mostram a potencialidade do conceito no estudo do jornalismo, e Fabrino e Simões (2012) destacam sua capacidade analítica na compreensão das definições de situação, em um sentido próximo ao realizado neste artigo. No âmbito metodológico, as potências e limites do conceito são trabalhadas, entre outros, por Vimieiro e Dantas (2009), Vimieiro e Maia (2011), Campos (2014), Bonone (2016) e Autoria (2021). Um ponto comum, neste último grupo, é a percepção de que há uma considerável fluidez nos métodos utilizados para identificar um enquadramento.

No exterior, há igualmente toda uma tradição de estudos teóricos e aplicados a respeito do conceito de enquadramento. A partir da ideia original de Goffman (1974), utilizando uma categoria anterior de Bateson, o conceito efetivamente passou por diversas apropriações no âmbito das ciências sociais, em particular nos estudos de política e comunicação política. Não por acaso, algumas das principais derivações pós-goffmanianas do conceito nascem exatamente dessa perspectiva, como

nas discussões suscitadas sobretudo a partir de Entman (1993) e Scheufele (2004; 2006). Nesse sentido, sobretudo ao longo dos anos 1990, observou-se uma crescente bibliografia crítica discutindo o conceito.

Se não é o objetivo aqui retomar o percurso do conceito ou discutir suas definições, vale retomar alguns de seus aspectos. Levando em conta as diferentes utilizações do conceito ressaltadas por Pozobon e Schaefer (2014), e também com base em Aatoria (2009; 2021), seria possível trabalhar a ideia de enquadramento como o conjunto de referências utilizados por alguém ou um grupo para definir o que está acontecendo em uma situação. Na definição original de Goffman (1974), o entendimento de um fato é preferencialmente construído a partir de referenciais que permitem associar um elemento novo (a situação apresentada) a quadros interpretativos já existentes.

Buscou-se, na esteira de Pan e Kosicki (1993), Reese (2007), Vimieiro e Dantas (2009), Vimieiro e Maia (2011), Scheufele (2011) e Mendonça e Cal (2012) trabalhar a operacionalização metodológica desse aparato conceitual, da qual vale destacar alguns pontos. Em uma de suas utilizações mais recentes, observa-se a ideia a partir de uma perspectiva marcadamente política. Butler (2019) retoma a noção clássica para destacar a importância da “definição de situação” em termos políticos, como parte da ação política e da reivindicação do direito à formas de vida e de cidadania.

Quadros de sentido são criados e transformados continuamente nas dinâmicas interacionais de sujeitos relativamente autônomos no processo de comunicação, e a utilização de referências, ou sua recusa, para compreender um determinado fato não deixa de ser também uma demarcação da agência de indivíduos e grupos diante da realidade.

No caso deste texto, é importante notar que os enquadramentos objetivados nos comentários, embora não permitam inferências mais amplas ou generalizações, são, no entanto, um importante aspecto indicial dos modos de compreensão e entendimento acionados pelo público a partir de suas referências – sejam elas culturais, políticas, religiosas ou, especificamente, esportivas. Levando-se em conta a existência de um universo possível de ligações e referências, a observação do que é efetivamente acionado nas postagens permite vislumbrar a importância de um aspecto ou outro na construção do enquadramento de sentido projetado sobre o fato. A utilização de uma referência religiosa, a título de exemplo, não permite inferir efetivamente o grau de religiosidade de uma pessoa ou grupo; no entanto, é indicativo da importância que a religião tem em sua visão de mundo – a ponto de acionar esse aspecto para compreender uma corrida de Fórmula 1.

A construção de um enquadramento não deixa de contar também com a autorreflexividade de sujeitos e grupos em relação não só ao entendimento de si mesmos, mas igualmente na interpretação e reinterpretação de situações nas quais estão historicamente inseridos (YAN; DILLARD; SHEN, 2012). É nesse sentido de afirmação e agenciamento, mas também de resistência e conflito, que se entende a noção de enquadramento neste texto.

Vale notar que boa parte desses estudos, com base nos recenseamentos indicados, parece se dirigir ao estudo do enquadramento narrativo a partir da análise de notícias, do posicionamento de veículos ou da maneira como a construção textual e discursiva apresenta e/ou reproduz enquadramentos dominantes, criando áreas de luz e sombra na definição do que pode ser ou não visto. Ao que tudo indica, no entanto, estudos relacionados aos enquadramentos feitos pelo público dessas notícias tendem a ser mais raros.

No entanto, sem pretensões à generalização ou ampliações, a compreensão dos enquadramentos do público podem ser indicativa das referências acionadas em um determinado momento para atribuir sentido a um fato, permitindo observar, assim, as concepções que encontram lugar dentro de um espaço – limitado – de trocas discursivas entre pessoas interessadas no assunto.

O enquadramento pessoal: Hamilton e Ayrton Senna

O primeiro enquadramento a destacar é se refere à comparação entre Lewis Hamilton e Ayrton Senna. Esse quadro de referências é construído em múltiplos níveis, desde a associação do gesto de pegar a bandeira brasileira ao final da corrida, quadro preferencial definido pela atitude do piloto inglês, até comparações mais amplas sobre o estilo corrida ou a maneira de guiar o carro. Esse enquadramento se define por um esforço do público de “ler” Hamilton a partir de Senna, atribuindo ao primeiro as características do segundo presentes no imaginário do público brasileiro.

A corrida representou o Senna mais do que o gesto. Nada o impediu de vencer, ele sabia o que queria e lutou contra tudo pra chegar lá, exatamente igual ao Senna. [BandSports, comentário, 11/21].

Esse comentário é representativo de vários outros que seguem esse enquadramento: ver Hamilton dirigindo é como assistir Senna. O comentário frisa “exatamente igual ao Senna” em relação a ter um objetivo e lutar “contra tudo para chegar lá”.

Ao longo dos comentários, a relação com Hamilton parece se dirigir mais para uma exaltação de Senna e suas qualidades do que aos méritos ao piloto inglês. Uma rara unanimidade: não há um só comentário crítico sobre Ayrton Senna ou qualquer comparação na qual ele não seja o termo mais valorizado. Os comentários a seguir são representativos desse tipo de comparação, na qual Hamilton é enquadrado como alguém ecoando Senna:

Hamilton monstro e atitude sensacional de honrar a história que foi escrita pelo #ayrtonenna e proporcionar isso aos brasileiros. Parabéns! #lewissenna [BandSports, comentário, 11/21].

Ele é fã do Senna, com certeza se espelhou na humilde do mesmo [BandSports, comentário, 11/21].

Segundo Senna !!!!! [BandSports, comentário, 11/21].

HOJE EU TIVE O PRAZER DE VER UM DISCÍPULO DE SENA . HAMILTON, SENSACIONAL EM TODOS OS SENTIDOS. [BandSports, comentário, 11/21].

No primeiro caso, a utilização do marcador “lewis-senna” oferece uma materialidade discursiva a essa aproximação. Os méritos individuais de Hamilton, nessa aproximação, parecem ser enquadrados a partir da consideração de qualidades similares em Ayrton Senna: o piloto da Mercedes é parte da “história que foi escrita” por Senna e tem a mesma “humildade” enquanto um “discípulo”. Os exemplos desse enquadramento poderiam se multiplicar.

A maneira como Hamilton é associado a Senna permite entrever alguns aspectos da imagem do piloto brasileiro visão das autoras e autores dos comentários. Senna é a figura dominante, tanto mais forte quanto mais distante, situado em uma dimensão especial: talvez seja necessário recorrer à noção de “mito”, a partir das formulações de Morin (1985; 1998), para compreender esse enquadramento.

Em seus estudos sobre a construção de uma mitologia moderna ligada, Morin (1985; 1998) destaca como a imagem de uma pessoa pode ser lentamente deslocada do indivíduo real para um ser dotado de qualidades excepcionais, interditas aos outros. Elevado à categoria de mito, suas características humanas tendem a ser diminuídas em prol de um olhar dirigido, e reiteradamente instigado, para suas qualidades excepcionais. O uso do termo “olimpiano” para designar essa mitologia moderna é sin-

tomático: o recurso ao monte sagrado dos gregos antigos indica a condição da figura alçada a esse espaço.

Existe toda uma produção acadêmica destacando a mitificação da figura de Ayrton Senna (RONDELLI; HERSCHMANN, 2000; BERNARDO, 2008; GONÇALVES, 2012; QUEIROZ, 2014; BATISTA; VELAZQUES, 2018). Em comum, destacam o lugar da mídia no processo de construção desse aspecto mitológico ao redor da figura do piloto, desde os anos 1990, com um acentuado aumento após seu falecimento, em 1994. Como destaca Queiroz (2014), a utilização de certas imagens de Senna, repetidas ao longo de décadas, contribuíram para a formação de todo um imaginário mítico a seu respeito: talvez, em primeiro lugar, pelo capacete amarelo e pelos gestos na vitória – sobretudo, pegar a bandeira do Brasil. Hamilton, ao repetir essa atitude, aciona um referencial mitológico forte; talvez um dos mais representativos da história recente do país, vinculado a uma imagem positiva de liderança e vitória.

O fato de um estrangeiro realizar esse acionamento do mito não escapa a um dos comentaristas:

Foi muito f..., mas ao mesmo tempo preocupante. O Brasil tá tão carente de ídolos, que precisou de um cara inglês pra nos dar alguma alegria, uma emoção. Parabéns, Lewis. <3 [BandSports, comentário, 11/21].

Nas relações construídas entre Hamilton e Senna nos comentários das notícias, o enquadramento utilizado parece lançar mão do mito enquanto categoria de definição da situação diante dos olhos: as qualidades de Hamilton são compreendidas em relação à figura mitológica da qual é fã e na qual afirma se inspirar.

Os comentários associando os dois pilotos sugerem que a alegria não é necessariamente pela vitória do inglês, mas pela lembrança ao tricampeão brasileiro. Hamilton, ao pegar a bandeira, celebra ritualmente o mito, e os comentários mostram a eficácia desse procedimento ao confirmar o enquadramento mítico feito pela audiência: não sem algo de paradoxal, aos olhos do público, vitória de Hamilton parece confirmar que Senna é o melhor de todos os tempos. A reiteração dos quadros de sentido da audiência, ressaltam autores como Antunes (2009) ou Lecheler *et alli* (2015), é fundamental não só para a aceitação de um fato como verdadeiro, mas também para permitir um maior envolvimento com o assunto.

Essa ação de ver a realidade a partir de um enquadramento caracterizado pela recursividade a uma figura da mitologia da cultura midiática contemporânea tem como

um de seus resultados uma certa relação desigual: não importa o que Hamilton faça na pista, a comparação com Senna é inevitável. A figura mitificada pode ser igualada e referida, mas nunca superada. Não existe, nos comentários, nenhuma comparação entre números, na qual Hamilton estaria à frente de Senna: como indicam os dois comentários seguintes, se o piloto da Mercedes é o melhor de todos os tempos, é porque se iguala ao brasileiro:

Eu já sou fã de Hamilton, depois do que ele fez hoje no GP Brasil, pegar uma bandeira do Brasil e repetir o que o melhor de todos os tempos fez por anos seguidos, igualo Hamilton a Ayrton Senna como os melhores de todos os tempos [BandSports, comentário, 11/21].

Aquela ultrapassagem no verstarpen foi algo nostálgico algo lúdico. Num momento pensávamos o SENNA voltou. Hamilton deu show. Cara conquistou de vez a torcida brasileira e a cena no carro ostentando nossa bandeira foi incrível [BandSports, comentário, 11/21].

Senna é o único piloto brasileiro referido. Ao longo dos mais de 900 comentários analisados, há um completo silêncio a respeito de todas as outras personalidades que se destacaram no automobilismo brasileiro nas últimas décadas. A única outra figura destacada no esporte é Pelé, em um comentário isolado:

Simplesmente o melhor que existiu na F1, o Pelé da F1 [BandSports, comentário, 11/21].

Fora isso, não há outras referências.

O enquadramento político e a polarização da bandeira

Mas se Senna é uma unanimidade, o gesto de Hamilton ao pegar a bandeira suscitou outras reações quando o enquadramento utilizado é político. Talvez não cause espanto que, em uma polarização na qual a bandeira brasileira está no centro de uma ampla disputa simbólica, sua presença no pódio, erguida por um inglês gerasse uma série de ressonâncias políticas HERRERO, 2006; SOUSA; BRAGA, 2021).

Não chega a existir uma troca de opiniões ou respostas elaboradas aos comentários: os enquadres

políticos são propostos pelos usuários ao comentar, mas seguem praticamente isolados. Em um deles, Hamilton desaparece do comentário e a bandeira assume o primeiro plano do enquadramento:

Espero que essa bandeira seja como sempre foi, símbolo do Brasil e volte a união do brasileiros. E os dois asquerosos que provocam esse terror por ganho político pessoal, sumam pra sempre. [BandSports, comentário, 11/21].

É possível apenas especular quem seriam os “dois asquerosos” referidos, mas a ideia de uma “união” permite inferir uma postura de buscar o que seria uma “terceira via” em relação à polarização. Note-se também um sentido de nostalgia por um passado no qual os brasileiros seriam mais unidos (“volte a união dos brasileiros”) em relação ao momento atual.

A utilização de enquadramentos políticos mais diretos, com referência à atitude de Hamilton, aparece em apenas três comentários. Eles compartilham a perspectiva de que o gesto do piloto inglês não se encerra em uma comemoração ou na referência a Ayrton Senna, mas pode ser compreendida dentro de uma perspectiva partidária. A premissa comum dos enquadramentos políticos é a referência às posturas de Lewis Hamilton na defesa de causas e direitos sociais, em particular seu engajamento com questões de igualdade racial e de gênero.

A maneira como esse fato é compreendido é diametralmente oposta de acordo com o enquadramento utilizado.

Cronologicamente, o primeiro comentário se caracteriza pelo acionamento do que Butler (2021) caracteriza como o “discurso de ódio” cada vez mais disseminado na sociedade, em particular no ambiente das mídias digitais, como assinala Aatoria (2018). No caso, o alvo são as posturas de Hamilton e as causas defendidas por ele:

A F1 também foi e continua sendo um dos meus esportes favoritos... E sim, críticas a pilotos que erguem bandeira para ditadores e apoiam corruptos ficam em evidência... Afinal apoiar defensor de bandido e odiadores de gente honesta representa a nossa bandeira ou a mancha??? Vcs são assim, basicamente 80% das hamilzetes são nojentos, mau caráter e militantes. E os outros 20% excluem apenas o fator militância... Um piloto não deve palpitar a favor da criminalidade de um país... E como índole, sigo o fator de serem honestos e que busquem crescer mediante esforço próprio e não

alheio ao ponto de levar desgraça a tais (e ainda reclamar, como fizeram como o bottas)... Mas Afinal, essa é a característica que une hamilton aos seus fãs (reclamada no mundo inteiro), ditadores, bandidos, traficantes e demais pessoas de má índole... São folgados e mimados, acham que outra pessoa que sofre deve lhe dar as coisas por circunstâncias mesquinhas.... [BandSports, comentário, 11/21].

Esse comentário é uma resposta a uma postagem anterior, não mais disponível. O discurso de ódio, caracteriza Butler (2021), se refere a uma certa intangibilidade das causas, altamente difusas, tomadas como pretexto para incitar a violência contra uma pessoa ou um grupo. A ausência de fatos não é impedimento para a formulação e disseminação do discurso de ódio: uma de suas características, aliás, é trabalhar em um registro quase inteiramente imaginário. Cria-se uma imagem do outro com todas as características que, aos olhos do autor do discurso, justificariam o ódio. Butler, em diálogo com Freud, recorda que as bases do ódio não são irracionais, mas inconscientes. Não há, evidentemente, nenhuma base factual para as afirmações feitas no comentário – o desejo de odiar constrói o enquadramento no qual o piloto inglês seria “defensor de bandido e odiadores de gente honesta”.

A identificação entre as causas de Hamilton e uma pauta “de esquerda” que seria defendida pelo piloto é a tônica dessa modulação do enquadramento político. Em um dos comentários há uma menção enquadramento mitológico, mas no sentido de desconstruir qualquer aproximação política entre ambos:

Senna está se revirando no túmulo, isso sim!!!... Senna lutava por coisas que valiam a pena, ham só luta por militância, pra defender bandido que sair arregaçando a cidade em «forma de protesto».... E Senna jamais iria querer impor sua opinião frente aos outros!!! [BandSports, comentário, 11/21].

O outro comentário que utiliza um enquadramento político acolhe Hamilton no lado oposto do espectro político. Seu engajamento é associado também a uma ressignificação de sua atitude ao pegar a bandeira brasileira, não como símbolo de união, mas de respeito:

Hamilton restituiu o orgulho aos brasileiros um estrangeiro vim e levantar nossa bandeira com tanto orgulho, pra o mundo todo ver, foi demais,

o Brasil tão em baixa, por conta de um governante ridículo, nojento. Eu só tenho a dizer uma coisa, obrigado Hamilton, pela corrida, pela disputa e por mostrar pra alguns que não acreditam o quanto é bonita e nos orgulho nossa bandeira, ou seja donosso país! E SE DEUS QUISER LULA PRESIDENTE, COMO É BOM ESSES GESTOS PRA NOSSA AUTO ESTIMA!BRBRBRBRBR[BandSports, comentário, 11/21].

Observe-se que é o único comentário no qual há uma menção direta e positiva a Luís Inácio Lula da Silva, tomando como referência as eleições de 2022, para as quais o político era então pré-candidato. Ao pegar a bandeira, Hamilton teria valorizado uma condição de “orgulho nacional” que estaria “em baixa” – seguido, imediatamente, de duas adjetivações negativas. Note-se a utilização, ao final do comentário, de cinco emojis com a bandeira brasileira, já referida, aliás, no início do comentário. Mas há um reparo feito pelo próprio autor: é “um estrangeiro” que ergue “nossa bandeira com tanto orgulho”.

Em dois comentários esse enquadramento político é modulado a partir de uma questão bastante cara ao piloto inglês, mas que aparece apenas de modo tangencial na escrita do público das notícias: sua atuação em prol da igualdade racial e da representatividade dos movimentos negros. As causas defendidas por Hamilton são levadas em consideração:

O maior orgulho é que ele é um cara negro no topo do esporte que pratica. Não só hoje, mas na história. Num esporte onde até os espectadores seguem o padrão elite-branca. Isso é o que me dá mais orgulho. [BandSports, comentário, 11/21].

Cara eu sou seu admirador e fico espantado em ver o quanto de inimigo você despertou quando resolveu brigar por nós negros e pela as outras pessoas que se sentem oprimidas de alguma forma isso é muito nobre você poderia fazer como outros pilotos deixar pra lá mas não foi sem medo arrumou muitos inimigos mas também muitos admiradores você é o cara não tem jeito vamos pra cima das RBRs vamos ser campeões de novo e por a nossa raça no topo de novo [BandSports, comentário, 11/21].

Isso leva a uma outra modalidade do enquadramento político: a homenagem não seria apenas à Senna, mas também representaria uma manifestação de

apoio a determinado aspecto da política. Isso fica patente em um comentário a respeito da atitude de Hamilton que, deixando de lado sua luta por direitos sociais, concentra o foco em sua atitude com a bandeira:

O HAMILTON DEU UMA AULA DE PATRIOTISMO PARA A ESQUERDA NOJENTA DO BRASIL [BandSports, comentário, 11/21].

Observa-se aqui a divisão entre dois termos, a “esquerda nojenta”, de um lado, que recebe uma “aula de patriotismo”, de outro. O enquadramento retoma a disputa simbólica em jogo a respeito da bandeira brasileira, ao menos desde 2018 – embora suas origens possam remontar às Jornadas de Junho de 2013. A presença da bandeira, assim como de camisetas da seleção brasileira de futebol, em manifestações a favor de pautas conservadoras, em um suposto contraste com a bandeira “vermelha” dos setores de esquerda, é um dos pontos mais visíveis da polarização política (SOUSA; BRAGA, 2021).

Outros comentários, ainda no enquadramento político, parecem assumir que a imitação da atitude de Senna significava também uma aproximação com o país, sem necessariamente trazer uma questão partidária:

Lewis Hamilton, muito mais brasileiro que muitos políticos. Esse merece cidadania Brasileira. Parabéns pelo show ímpar. Seja sempre bem vindo ao Brasil. [BandSports, comentário, 11/21].

A ideia de “naturalizar” Lewis Hamilton se desenvolve dentro de um enquadramento político, ainda que não diretamente partidário. O ato de pegar a bandeira e levá-la no pódio faz de Hamilton “muito mais brasileiro” do que uma categoria – os políticos – e traz para o país um prestígio há muito tempo perdido. Isso fica evidente em comentários, aparentemente em uma chave de humor, referentes à emissão de um passaporte brasileiro para Hamilton:

Itamaraty da o passaporte e cidadania para o Homem, afinal ajudamos Venezuelanos, Bolivianos, Africanos, Caribenhos, porque não o humilde e best driver Lewis Hamilton um ícone no esporte, o ÚNICO que carrega bandeira do país no esporte, por favor imprime e entrega para o homem!!! [BandSports, comentário, 11/21].

Deem um passaporte brasileiro pra esse homem [BandSports, comentário, 11/21].

Há uma única voz dissonante, para quem isso provocaria o efeito contrário:

Dar um passaporte brasileiro pra um inglês seria na verdade um castigo kkkk (...) [BandSports, comentário, 11/21].

O enquadramento que aproxima Hamilton do Brasil é modulado por uma questão nominal: o aportuguesamento de seu nome para “Luís Hamilton”, presente em alguns dos comentários, como arremate desse procedimento. A adoção do nome em português significa um elemento aproximativo mais forte, sobretudo quando se recorda sua força em termos de identidade:

o Luis Hamilton é brasileiro!!! [BandSports, comentário, 11/21].

Nesse sentido, em termos de enquadramento político, a atitude de Hamilton com a bandeira o tornaria “brasileiro”, seja situando-o como representante de uma parte do espectro político, seja em sua adoção como esportista do país.

O enquadramento religioso: autonomia e auxílio divino

Um outro tipo de enquadramento encontrado nos comentários se caracteriza por referências a matrizes religiosas. Embora menos frequente do que as menções a Ayrton Senna, essas indicações demandam um olhar mais atento, enquanto reveladoras da maneira como, a partir de um tema aparentemente alheio ao esporte, são construídos quadros interpretativos da situação.

Vale, para tanto, retomar brevemente uma discussão a respeito da presença desse tipo de referência.

A bibliografia sobre o conceito de enquadramento sugere que a formação de quadros de referências pode acontecer em ritmos diferentes.

Em um primeiro aspecto, o estabelecimento de quadros de sentido parece estar ancorado em práticas e processos de significação longamente sedimentados em fatores culturais, discutem Van Gorp (2007) e Lechler e Vreese (2009). Esse aspecto parece estar ligado tanto ao sentido de comunidade, derivado da construção do comum no qual indivíduos se entendem como parte de algo construído a partir de seus vínculos, compartilhando discursos, conceitos e práticas. Revelados às vezes apenas como constituinte de uma trama discursiva, enquadramentos nem sempre apresentam maiores elaborações por parte dos

sujeitos que fazem uso deles. A presença de uma expressão em um determinado discurso não só não é gratuita como também é indicadora de algumas de suas origens.

A literatura sobre o assunto mostra também a formação de quadros de referências menos sedimentados, ou até mesmo episódicos, ligados à interpretação de um assunto específico ou à compreensão de determinado fenômeno (MAIA, 2009). Embora possam estar ancorados em quadros mais profundos, essa vinculação não é necessariamente estabelecida, de maneira que é possível verificar o acionamento, por um mesmo indivíduo, de quadros de sentido diferentes, às vezes incongruentes ou mesmo contraditórios, a respeito de situações semelhantes. A formação de quadros interpretativos morais, assim como a elaboração de julgamentos de valor, não obedece a um padrão de coerência entre as diversas matrizes às quais o indivíduo adere.

A formação de dilemas éticos ou conflitos internos de natureza moral nos sujeitos políticos pode ser observada quando demandados a escolher entre quadros de sentido diferentes, cada um deles dotado de seus próprios fundamentos. Em alguns casos, é possível observar a absorção de um determinado quadro de sentido por outro, mais amplo, que reinterpreta o primeiro – o sentido da “conversão” religiosa seria um exemplo, quando os enquadres da vida prévia são revistos a partir de um novo quadro de referências.

Uma das características de um enquadramento é sua capacidade de ser aplicado, com maiores ou menores adaptações, a um número amplo de situações. É possível verificar isso em um dos comentários da notícia na Rádio Bandeirantes, quando uma das pessoas indica a razão da qualidade da corrida:

O autor desse enredo é Deus, Todo Poderoso, a quem vc pediu uma corrida boa, Sérgio Mauricio, e Ele nos permitiu uma Super corrida, num dia de sol e muitas emoções! Parabéns à equipe Band pela entrega em mais essa ma-ra-vi-lho-sa transmissão! Que bênção ! Que prova! Que temporada!! Abraços!!! [Rádio Bandeirantes, comentário, 11/21]

O comentário inicia não apenas já destacando um de Seus atributos (“Todo Poderoso”) como também a designação do clima, mencionando “uma Super corrida, num dia de sol”. Vale notar que as provas de Interlagos são conhecidas, entre fãs de Fórmula 1, pela recorrência de chuvas, de maneira que o tempo firme, exceção, é atribuído a ação divina. Há mais uma breve referência no final (“Que bênção!”) em meio aos elogios à transmissão.

É importante, evidentemente, não levar muito longe o alcance desse comentário no sentido de forçar a existência de uma interpretação religiosa; seu destaque é como um indício de vinculação da corrida a um quadro composto a partir de referências religiosas.

A recursividade do discurso religioso na interpretação dos acontecimentos da corrida aparece duas outras vezes, de maneira um pouco mais difusa, em referência à vitória de Hamilton. No primeiro caso, observa-se uma vez mais a atribuição de um determinado fato à ação divina, embora em menor proporção do que no exemplo anterior:

Foi o cara da corrida. Fico feliz em vê-lo lutando com o talento que Deus lhe deu, ao invés de ficar procurando culpados . [BandSports, comentário, 11/21]

O discurso religioso, neste caso, se desenvolve em torno da indicação de que a vitória de Hamilton é decorrente de um talento que tem sua origem em Deus, mas depende também do esforço individual do piloto. Esse aspecto, embora pontual, se aproxima de uma interpretação do discurso religioso na qual a intervenção divina não necessariamente ocorreria fora de uma contrapartida de esforço individual, ressaltado no comentário.

A ideia de estar “lutando com o talento que Deus lhe deu” sugere uma relação de complementaridade no sentido de aproveitar uma determinada oportunidade “ao invés de ficar procurando culpados” por eventuais problemas. Rodrigues (2021) e Patriota e Rodrigues (2019) destacam a referência ao mérito individual como fator de sucesso em certas instâncias do discurso religioso, voltado para mostrar que a ajuda religiosa efetivamente se realiza no esforço para lidar com situações – próximo de perspectivas de uma mentalidade na qual o sucesso não está ligado à concretude de uma situação social, mas ao mérito e ao esforço.

Há um terceiro tipo de comentários que se limitam a utilizar a expressão “Deus te abençoe”, sem maiores elaborações – exceto um, na Bandsports, datado de fevereiro de 2022 que utiliza a expressão “Deus te abençoe sua vida em nome do Senhor Jesus”, com uma vinculação mais direta ao discurso religioso de algumas denominações evangélicas.

Em geral, essas manifestações não parecem indicar uma maior vinculação religiosa, como nos casos anteriores citados, mas o recurso a referências mais difusas. É questionável, inclusive, se isso chega a se configurar como um “enquadramento” na medida em que não parece existir, aqui, a interpretação de uma situação, mas apenas o vínculo a uma referência.

Ao mesmo tempo, houve a decisão de usar essa expressão e não outra; dentro das escolhas possíveis, optou por essa referência religiosa. Parece que a formação de quadros de sentido não se dá estritamente em relação ao momento de uma situação, mas também em um nível mais amplo de configurações interpretativas – “Deus te abençoe”, como escolha, demonstra um vínculo fluido, mas presente, com quadros de sentido religiosos.

Algo um pouco diferente ocorre com um comentário isolado, de novembro de 2021, ao vídeo veiculado no canal Bandsports:

Deus acolhe os justos, parabéns a todos [BandSports, comentário, 11/21].

Observa-se uma modulação do discurso religioso no sentido de enquadrar Hamilton em uma categoria específica (os “justos”) merecedora de um tratamento ou lugar especial por Deus (“acolhe”). O mérito não é situado no esforço, como em um comentário anterior, mas em um aspecto do caráter do piloto. Embora o comentário não desenvolva a questão, ser “um justo” remete a um discurso comum a diversas denominações religiosas, com um significado positivo.

Nota-se também a presença de uma segunda matriz discursiva vinculada à religião, neste caso, àquelas vinculadas ao que Camargo (1971) denomina “continuum mediúnico”, englobando formações do campo religioso que transitam entre o Espiritismo Kardecista, a Umbanda, o Candomblé e outras denominações de matriz afro-brasileira.

Lágrimas lágrimas lágrimas, baixou o Senna no Hamilton, espetacular [BandSports, comentário, 11/21].

Aquela ultrapassagem e a bandeira no final, ele encarnou o Senna, eu assistia quando criança e me lembrou bastante aqueles tempos [BandSports, comentário, 11/21].

Estes comentários mostram um cruzamento de referências: não se trata mais de um recurso à divindade, mas a Ayrton Senna. Sua intersecção com o discurso religioso, neste caso, se dá no contexto de sugerir a maior proximidade possível: “baixar” é uma expressão utilizada para indicar o momento em que, segundo as denominações ligadas ao “continuum mediúnico”, o espírito de uma pessoa se expressa pelo corpo de outra. O sentido de “encarnar” refere-se ao nascimento da pessoa.

A utilização de determinadas expressões de uso comum não pode ser tomada necessariamente como indicador de um vínculo forte do sujeito com um determinado enquadramento: não é porque um determinado indivíduo escreve em seu comentário “Deus te abençoe” ou “baixou o Senna no Hamilton” que isso significa uma adesão a esta ou aquela prática religiosa. Mas também não pode ser deixado de lado enquanto revelador das referências presentes na elaboração de um discurso, e a arbitrariedade de sua escolha permite entrever seus enquadramentos de origem, ainda que os sujeitos não se apresentem necessariamente vinculados a elas.

Considerações finais

A literatura sobre estudos de enquadramento tende a se concentrar sobretudo nos estudos de produção e de mensagem, embora parte dela procure compreender sua relação com os quadros de sentido da audiência. O gesto de Hamilton no Grande Prêmio de São Paulo foi compreendida pelo público a partir de três enquadramentos principais, utilizados para a atribuição de sentido ao fato.

A comparação, sempre favorável, com Ayrton Senna forma o principal enquadramento observado: Hamilton ganhou porque dirigiu “como Senna”, com quem também compartilharia características pessoais, como a perseverança e a humildade. Os méritos de Hamilton são destacados na medida em que encaixam nessa perspectiva.

O enquadramento político é o mais contundente. O ponto é o reconhecimento de Hamilton como defensor de causas sociais, a partir do qual há interpretações com sinais opostos, situando o piloto britânico na polarização política brasileira, com um discurso de ódio que se manifesta nesse momento.

Finalmente, enquadramento religioso, no qual a vitória de Hamilton é atribuída à Deus e ao bom uso, feito pelo piloto, dos talentos e capacidades que lhe teriam sido outorgados por Ele.

Enquanto possibilidade interpretativa, a análise de enquadramento apresenta limites epistemológicos sobretudo no sentido de não generalizar resultados a partir de uma série relativamente pequena de evidências. Ao mesmo tempo, auxilia a ver algumas recorrências e regularidades que compõem os referenciais de interpretação presentes na sociedade em um determinado momento.

A análise dos comentários oferece uma oportunidade de aproximação com os quadros de sentido utilizados pelo público para identificar, classificar e mesmo oferecer julgamentos morais em relação ao que é definido como

“fato”. Vale notar, aqui, a consciência das limitações desse método: na medida em que os comentários são a única fonte de observação dos enquadres construídos, trata-se mais de um vislumbre dos enquadramentos do que propriamente uma definição pronta e acabada das interpretações feitas sobre uma vitória, um gesto e uma bandeira.

E, se é possível encerrar com algo de anedótico, dia 9 de junho de 2022, a Câmara dos Deputados concedeu ao piloto britânico o título de Cidadão Honorário do país devido ao seu gesto ao vencer a corrida de Interlagos (SILVA; OLIVEIRA, 2022). Para além dos comentários de Internet, de fato, Lewis Hamilton é brasileiro.

Referências

- ANTUNES, Elton. Enquadramento: considerações em torno de perspectivas temporais para a notícia. *Galáxia*, n. 18, Vol. 1, dez. 2009, pp. 85-99.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Ed. 70, 2008.
- BATISTA, Tatiana A.; VELÁZQUEZ, Carlos. Rede Globo e Ayrton Senna. 20o. INTERCOM NORDESTE. *Anais...* Juazeiro: 5 a 7 de julho de 2018.
- BERNARDO, Adileia A. *Efeito Tamburello: um estudo antropológico sobre as imagens de/em Ayrton Senna*. Florianópolis: UFSC, 1998 (Mestrado em Antropologia Social).
- BONONE, Luana M. Construção de método para pesquisas de *Frame Analysis*. *Estudos em Jornalismo e Mídia* Vol. 13, No. 2, Jul-dez. 2016, pp. 1-15.
- BUTLER, Judith. *Quadros de guerra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- BUTLER, Judith. *Discurso de ódio*. São Paulo: Unesp, 2021.
- CAMPOS, Luiz A. A identificação de enquadramentos através da análise de correspondências. *Opinião Pública*, Vol. 20, no. 3, dez. 2014, pp. 377-406.
- CARVALHO, Carlos A. Sobre limites e possibilidades do conceito de enquadramento jornalístico. *Contemporânea*, vol. 7, no 2, dez. 2009.
- ENTMAN, Robert. M. Framing: toward clarification of a fractured paradigm. *Journal of Communication*, v. 43, n. 4, p. 51–58, 1993.
- FRANCO, Maria C. *Análise de conteúdo*. Brasília: LiberLivro, 2012.
- GOFFMAN, Erving. *Frame analysis*. Londres: Penguin, 1974.
- GOMES, Melissa. O conceito de enquadramento noticioso nos estudos publicados em periódicos científicos (2013-2016). 40o. INTERCOM. Curitiba: *Anais....* UTP, 4 a 9 de novembro de 2017.
- GONÇALVES, Sandra M. L. Rever Senna: da morte de um ídolo à construção do herói. *Comunicação, Mídia e Consumo*, vol. 9, no. 24, maio 2012, pp. 265-288.
- HERRERO, Miguel. Símbolos políticos y transiciones políticas. *Athena*, n. 10, Vol. 1, Out. 2006, pp. 172-184
- LECHELER, Sophie *et alli*. The Effects of Repetitive News Framing on Political Opinions over Time. *Communication Monographs*, Vol. 82, No. 3, September 2015, pp. 339–358.
- LECHELER, Sophie; VREESE, Claes H. Getting Real: The Duration of Framing Effects. *Journal of Communication*, Vol. 61, no, 1, 2011, pp. 959–983.
- MAIA, Rousley C. Debates públicos na mídia. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Vol. 2, no. 1, 2009, pp. 303-340.
- MENDONÇA, Ricardo F. e SIMÕES, Paula G. Enquadramento: diferentes operacionalizações analíticas de um conceito. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 27, p. 187-201, 2012.
- MENDONÇA, Ricardo F.; CAL, Danila. Quem pode falar no Facebook? *Debates*, v.6, n.3, set-dez. 2012, pp.109-128.
- MORIN, Edgar. *Cultura de Massas no Século XX*. Rio de Janeiro: Forense, 1985.
- MORIN, Edgar. *Sociologia*. Lisboa: Europa-América, 1998.
- PAN, Zhongdang; KOSICKI, Gerald. Framing Analysis. *Political Communication*, Vol. 10, no. 1, 1993, pp. 55-75.
- PORTO, M. Enquadramentos da mídia e Política. In: RUBIN, A. A. C. (org.). *Comunicação e Política: conceitos e abordagens*. Salvador: Edufba/Unesp, 2004, pp.74-104.
- POZOBON, R.; SCHAEFER, R. Perspectivas contemporâneas sobre as pesquisas de enquadramento. *Fronteiras*, Vol. 16, no. 3, set-dez. 2014, pp. 157-168.
- QUEIROZ, Pollyana R. B. *O jornalismo que constrói heróis: uma análise das narrativas jornalísticas sobre Ayrton Senna*. Goiânia: UFG, 2014 (Mestrado em Comunicação).
- REESE, Stephen. The Framing Project. **Journal of Communication**, Vol. 57, no. 1, 2007, pp. 148-154.
- RONDELLI, Elizabeth; HERSCHMANN, Micael. A mídia e a construção do biográfico. *Tempo Social*, Vol. 12, no. 1, maio de 2000, pp. 201-218.
- ROTHBERG, Danilo. Enquadramento e crítica de mídia. 5o. SBPJor. Aracaju: *Anais....* Aracaju: Universidade Federal de Recife, 15 a 17 de novembro de 2007.
- SCHEUFELE, Bertram. Finding Frames: Comparing Two Methods of Frame Analysis. *Communication Methods and Measures*, Vol. 5, no. 4, 2011, pp. 329–351
- SCHEUFELE, Bertram. Frames, schemata, and news reporting. *Communications*, Vol. 31, no. 1, 2006, pp. 65-83.

- SCHEUFELE, Bertram. Framing-effects approach: A theoretical and methodological critique. *Communications*, Vol. 29, no. 1, 2004, pp. 401-428.
- SILVA, Brenda; OLIVEIRA, Ingrid. Lewis Hamilton ganha título de cidadão honorário do Brasil. *CNN Brasil*, 09 de junho de 2022. Disponível em < <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/lewis-hamilton-ganha-titulo-de-cidadao-honorario-do-brasil/>>. Consulta em 15 de junho de 2022.
- SOUSA, Jacyane D.; BRAGA, Amanda B. Da política e do esporte: a bandeira brasileira e as rupturas discursivas da identidade nacional. *Entrepalavras*, v. 11, n. 2, maio-ago./2021, pp. 1-21.
- VAN GORP, Baldwin. The Constructionist Approach to Framing: Bringing Culture Back In. *Journal of Communication*, Vol. 57, no. 1, 2007, pp. 60–78
- VIMEIRO, A. C.; DANTAS, M. Entre o explícito e o implícito: proposta para a análise de enquadramentos da mídia. *Lumina*, v. 3, n. 2, p. 01-16, dez. 2009
- VIMEIRO, Ana Carolina; MAIA, Rousiley C. Análise indireta de enquadramentos da mídia: uma alternativa metodológica para a identificação de frames culturais. *Famecos*, Vol. 18, no. 1, jan-abr. 2011, pp. 235 -252.
- YAN, Changmin; DILLARD, James P.; SHEN, Fuyuan. Emotion, Motivation, and the Persuasive Effects of Message Framing. *Journal of Communication*, Vol. 62, no. 1, 2012, pp. 682–700.